

Práticas de letramento literário:

O Papel da Escola na Formação do Leitor

Ibrahim Alisson Yamakawa (graduando –UEM/CAPES)

João Gabriel Pereira Nobre de Paula (graduando –UEM/CAPES)

Mirian Hisae Yaegashi Zappone (UEM) – Orientadora

Resumo: O projeto “Educação Literária do Ensino Médio” insere-se no Programa Institucional de Bolsas de Incentivo à Docência – PIBID/Letras e é desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá com o objetivo de auxiliar no ensino de literatura em duas escolas de Ensino Médio em Maringá – PR. Oferece aulas de reforço em literatura brasileira objetivando ampliar a capacidade de leitura dos alunos e propiciar mais contato e familiaridade com as obras e conteúdos solicitados pelo PAS (Programa de Avaliação Seriada), realizada pela UEM. Tem como um de seus pilares o conceito de letramento, o qual se pode definir como práticas sociais que utilizam a escrita em contextos e para fins específicos. O objetivo dessa comunicação consiste em discutir o ensino de literatura em uma perspectiva que leve em conta o letramento literário do aluno em consonância com as práticas de leitura do ambiente escolar. Vemos que apesar de a escola configurar-se como principal instância de letramento, onde podemos observar a leitura de textos literários, a mesma não tem conseguido formar um leitor literário. Desse modo, o projeto busca contribuir para formação de um leitor literário, oferecendo ao aluno as ferramentas necessárias para que se efetive uma leitura segundo os padrões escolares, sem, contudo, desconsiderar as práticas de letramento literário realizadas pelos próprios estudantes.

Palavras-chave: letramento; texto literário; leitor.

1 Introdução

Em um trabalho que versa sobre o ensino de literatura e a formação de um leitor literário se faz importante esclarecer, antes de tudo, o que se entende por literatura. Bem, o conceito de literatura sempre foi e sempre será multifacetado. A noção de o que é literatura tem variado ao longo dos séculos, entre as culturas e tem sido objeto de estudo e apreciação em todas as sociedades letradas. A palavra literatura é tão abrangente e significativa que o seu estudo jamais será esgotado de maneira nenhuma sob nenhuma hipótese. O que se pretende aqui é simplesmente esclarecer tal conceito que dá suporte a esta pesquisa, e Hansen (2005) procura uma forma de melhor compreender literatura a partir de um traço fundamental que é a sua ficcionalidade. Assim, entende-se literatura aqui como todas as formas ficcionais que se manifestam nos mais variados gêneros e atendem a objetivos distintos dentro de diferentes contextos e cumprem um papel estético e lúdico.

Tendo isso em consideração, o projeto “Educação literária no Ensino Médio”, uma iniciativa do Programa Institucional de Bolsas de Incentivo a Docência – PIBID é desenvolvido na Universidade Estadual de Maringá com objetivo de contribuir para com o ensino de literatura em duas escolas de Ensino Médio da cidade de Maringá - PR; o Colégio Estadual João XXIII e o Centro de Aplicação Pedagógica da UEM – CAP/UEM. O projeto atua no contra turno dos alunos, oferecendo aulas de literatura semanalmente a fim de prepará-los para a prova de literatura do Programa de Avaliação Seriada – PAS, realizado por esta universidade. Essa proposta nasceu a partir do levantamento sobre as relações dos alunos de Ensino Médio com a escrita literária. Observou-se que as escolas não estavam conseguindo preparar um leitor capaz de ler obras literárias e como resultado, os alunos concluíam o Ensino Médio sentindo dificuldades de leitura e até desprezo por obras literárias, especialmente do cânone literário.

Fundamentado sob o conceito de letramento que se define enquanto “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 2004, p.19) a admissão de tal conceito para o campo de estudos literários torna-se bastante pertinente. Ao inserirmos o conceito de letramento, assim como definido por Kleiman (2004), e considerarmos que a escrita dentro do campo dos estudos literários, não se trata de todas as formas de escrita, mas de um tipo particular de escrita; a escrita literária que tem por característica primordial o aspecto de ficcionalidade, tal como mencionado anteriormente. E de tal forma, ela abriga objetivos diferentes em contextos diferentes. Portanto, podemos admitir que, existem inúmeros eventos de letramento literário.

Sendo a escola a principal agência de letramento, o ambiente escolar é o lugar mais visível à leitura de textos literários, o lugar onde se configuram modos especiais de se ler esses textos, conforme os pressupostos acadêmicos. Tais modos não têm alcançado o seu objetivo já que os alunos do Ensino Médio demonstram grandes dificuldades de leitura e interpretação. Se considerarmos que os alunos que se formam no Ensino Médio não são capazes de ler uma obra literária, em algumas situações eles podem ser considerados iletrados.

Os estudos sobre letramento neste caso podem cooperar decididamente para questões que envolvem o ensino de literatura. Compreender a relação e o papel que a escrita assume para com os sujeitos em diferentes situações amplia as perspectivas sobre como o texto literário deve ser trabalhado. Todavia, observamos que a escola desconsidera quaisquer

eventos de letramento praticados pelos estudantes fora do ambiente escolar. Assim, ao se tratar da leitura literária, as práticas de letramento dos alunos em outros contextos entram em confronto com as práticas de letramento exigidas pela escola. As práticas de leitura dentro do ambiente escolar, segundo Street (1998) compreendem o que o autor denominou como por modelo autônomo de letramento. Tais práticas, ou seja, a concepção de modelo autônomo de letramento é prevalente em toda sociedade letrada. Essa concepção de letramento concebe a escrita como um produto de contornos completamente definidos, no qual, o sentido está preso ao texto e independente dos contextos de produção e recepção.

Partindo dessa definição de modelo autônomo de letramento e o papel que a escrita assume dentro do ambiente escolar, a interpretação de um texto se limitaria apenas na decodificação textual. O aluno perderia o contato com todas as nuances da linguagem literária, ou seja, toda a literalidade do texto se perderia. Por outro lado, espera-se que o leitor que leia corretamente seja capaz de reproduzir o sentido do texto.

Contemplando esse cenário, para que o ensino de literatura atinja alguma coerência se faz necessário dar as ferramentas aos alunos para que eles possam construir uma leitura literária, ou seja, uma leitura mais adequada ao contexto escolar. A partir disso, o projeto trabalha com o conceito de letramento literário e procura diminuir a distância entre o leitor ideal e o leitor real (aluno), de maneira que o aluno que existem normas e convenções que regem a construção do universo ficcional e toda escrita literária.

Assim, para que se cumpra o papel da escola no que se refere à formação de um leitor literário é necessário que a escola patrocine uma leitura apropriada de textos literários através do ensino das regras que regem esse tipo peculiar de escrita, tais como as noções de gênero e estilo. Para que também não haja nenhum distanciamento entre a escola e o universo do aluno que seja capaz de comprometer esse trabalho de formação do leitor, é importante fazer um resgate das práticas de letramento efetivadas pelos próprios estudantes a fim de que eles possam estabelecer estratégias de leitura eficientes e interagir com a escrita. É o objetivo desse trabalho, portanto, discutir o papel da escola pública na formação do leitor e como ou quais ferramentas podem concorrer para isto.

2 O conceito de letramento e letramento literário e suas implicações para o ensino da literatura

Os estudos sobre letramento admitem uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. A expressão letramento ainda não foi dicionarizada e provém do termo em inglês *literacy*, que significa alfabetização, a competência de ler e escrever, ou melhor, a condição daquele que domina a tecnologia da escrita (Soares, 1998). Segundo Magda Soares (1998), o termo letramento vem do latim, com origem no prefixo *littera* que significa letra, escrita e o sufixo *mento* dá a ideia de ação ou condição, assim, portanto, letramento alude à ação ou à condição de ser letrado, de se tornar letrado.

Por sua vez, o termo assume uma abrangência ainda maior dentro dos estudos que envolvem o letramento. O conceito de letramento começou a ser empregado dentro do meio científico como uma forma de distinguir os estudos sobre a alfabetização do impacto social da escrita. Os estudos sobre letramento analisaram o desenvolvimento da escrita impulsionada pelos mais diferentes fatores (desenvolvimento social a partir do sec. XVII e mudanças sociopolíticas e econômicas) e aos poucos esses estudos foram se abrindo para descrever as condições do uso da escrita dentro dos mais diferentes contextos sociais e determinar como eram e quais eram os efeitos da escrita nesses contextos.

Define-se letramento hoje como “como um conjunto de práticas sociais (que usam a escrita), cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder.” (KLEIMAN, 2008 p. 11).” O conceito do qual Kleiman se refere aponta letramento como um conjunto de prática sociais, ou seja, uma ação que seja realizada em sociedade, em grupo, mas não qualquer ação, apenas as que envolvem a escrita, como por exemplo; ler um livro, escrever uma carta, assistir a um filme legendado, navegar na internet e tantas outras atividades que hoje fazem da escrita essencial para a interação com o outro.

Assim, participar de um evento de letramento é interagir socialmente usando a escrita. Dessa forma, podemos concluir que existem inúmeros eventos de letramento que se dá em diversos contextos. Entretanto, a escola, a principal agência de letramento ignora os demais eventos que se dá fora dela. A escola preocupa-se apenas com um aspecto, a alfabetização. Essa concepção de letramento é denominada modelo autônomo de letramento, conforme Street (1984). Segundo esse enfoque, há apenas um modo do letramento ser desenvolvido e ele está intimamente ligado a aquisição de códigos.

O enfoque autônomo de letramento concebe a escrita como um produto completo em si mesmo independente dos contextos de produção e recepção. Nesse sentido, a escrita seria invariável fazendo da leitura um processo de apenas descodificação do texto obedecendo a uma lógica interna imanente ao texto. Segundo Street (1984), nesse enfoque, escrita pode ser transposta no tempo e no espaço sem sofrer variações e deformações. A habilidade da escrita e da leitura requer, então, o domínio de uma habilidade bastante específica, na qual o sujeito pode extrair o significado dentro das fronteiras onde este significado está explícito.

Entretanto, Street (1994) também postula um modelo alternativo em relação ao modelo autônomo, esse modelo ele chama de modelo ideológico de letramento. O enfoque ideológico ao contrário do autônomo concebe todas as práticas sociais que utilizam a escrita, além de tudo, deve-se considerar os contextos de produção e de recepção, pois uma leitura está sujeita à deformações e variações. De tal forma, o enfoque ideológico “vê as práticas de letramento como indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e a escrita em diferentes contextos” (ROJO, 2009, p. 99). Ademais, não se deve entender o modelo ideológico de letramento como uma negação daquilo que é definido como modelo autônomo, mas se trata em considerar as relações sociais que envolvem o complexo processo de escrita.

Segundo Heath (1982), podemos dizer que cada grupo social interage diferentemente com a escrita. Conforme a autora demonstra em seu estudo; *What no bedtime story means* (1982), grupos sociais diferentes compartilham eventos de letramento diferentes, pois os membros de um grupo social específico têm relações específicas com a escrita. Assim, podemos dizer que “letramentos são práticas sociais, plurais e situadas, que combinam a oralidade e a escrita de formas diferentes em eventos de natureza diferentes, e cujos, efeitos ou consequências são condicionados pelo tipo de prática e pelas finalidades específicas a que se destinam” (Buzato, 2007, apud ROJO, 2009, p. 101). O modelo ideológico permite certa flexibilidade no que se refere à compreensão de um texto.

Street (1984) argumenta que em nossa sociedade a forma com que nós lidamos com a escrita está amparada numa fixidez no que se refere à construção de sentido. Isso significa que a construção de sentido seria sustentada dentro de uma única versão autorizada. Contudo, os estruturalistas têm atentado para uma nova forma de se relacionar com a formação de significado dentro das barreiras da escrita. “Uma análise dos termos estruturalista leva a uma ruptura da visão limitada do significado que herdamos em nossa cultura, e oferece uma

extensão potencial de significados.”¹ Sendo assim, os significados não estão impressos exclusivamente na imanência do texto, mas os significados são resultado da interação do leitor com o texto num determinado espaço social. Ler é um entendimento, uma interpretação que se realiza por partes, sendo predeterminado culturalmente, de modo que também existem interpretações mais adequadas e outras menos adequadas. Cabe, portanto, ao leitor atualizar o sentido mais adequado a leitura.

A partir da proposição dos dois modelos levantados por Street (1984), podemos pensar também numa forma mais específica de letramento que seria o letramento literário, ou seja, as práticas sociais que usam a escrita literária. Bem, no caso da escrita literária ela se dá em diversos contextos, embora seja mais visível dentro do ambiente escolar sob a perspectiva autônoma. No caso dos textos literários, a concepção de letramento autônomo torna-se mais evidente, considerando que existem regras que regem a escrita literária como as convenções de estilo e de época, e mais ainda, as leituras feitas dos textos literários são leituras autorizadas realizadas por críticos e que estão cristalizadas nos manuais escolares. Nesse sentido, o leitor de uma obra literária apenas repetiria a leitura de outro. Dentro dessa perspectiva é esperado que o leitor comum descodificasse a materialidade linguística daquele texto através do seu conhecimento sobre os aspectos particulares desse tipo de escrita mediado por uma interpretação autorizada.

Segundo Zappone (2007, p.07) “o Letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade.” Também cabe lembrar, que o conceito de letramento admite também certa mobilidade no que tange a relação de construção de identidade e poder. A agência escolar encerra uma gama de textos valorizados que são classificados como literatura e dignos de serem lidos em detrimento de outros textos menos prestigiados pela cultura letrada. O cânone literário cuja principal justificativa no meio escolar é a tradição. Caracteriza-se por ser um conjunto de textos valorizados pelas leituras feitas ao longo do tempo por críticos e historiadores. A filtragem desses textos perpassa por inúmeras instâncias legitimadas e autorizadas que julgam e definem a escolha desses textos. Nesse percurso, as leituras dos textos literários construídos ao longo da história se cristalizaram nos

¹ “An analysis of the structuralist terms leads to a break-up of limited view of the meaning inherited in our culture and offers an extension of potential meanings.” Tradução livre do autor do original de Street (1984, p. 101)

livros didáticos e nos manuais escolares e a sua leitura autorizada determinaria o sucesso do aluno na escola.

Deve-se ter em conta também que o conceito de letramento literário abrange não somente os textos valorizados pela cultura letrada. As práticas de letramento literário pressupõem todas as práticas que envolvem a escrita literária, cujo traço essencial é a marca de ficcionalidade. Tendo isso em vista, podemos afirmar que os alunos estão plenamente inseridos em eventos de letramento literário, embora tenham outros objetivos.

São considerados eventos de letramento literário a interação com filmes, seriados de TV, mangás, gibis, romances cor-de-rosa, *Best Sellers* e a Internet, em alguns casos, e que por sua vez, estabelecem uma relação com os jovens leitores que depreendem significados múltiplos e variados.

Um dos problemas da escola é que ela espera que os estudantes sejam capazes de ler os textos recomendados de maneira uniforme, assim tudo teria o mesmo sentido para todas as classes de leitores em quaisquer situações. Segundo Figueiredo (2009), aplicação de textos sejam eles literários ou não, é baseado num ensino completamente descontextualizado. Nesse sentido, cabe agora discutir qual é a função da escola no processo de formação do leitor pautado no conceito de letramento literário.

3 O leitor literário e o papel da escola na formação do leitor

É fato que os leitores do Ensino Médio encontram fora do espaço escolar outros objetos de leitura muito mais interessantes e atraentes que as obras exigidas pela agência escolar. Como lidar com o desinteresse do aluno com a leitura dos textos canônicos? Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (2007) assumem o impasse arrolado ao ensino de literatura. Os PCN's afirmam a existência de uma lacuna entre leitor e obra literária, como já foi dito antes.

Fechado, um livro é literal e geometricamente um volume, uma coisa entre outras. Quando o livro é aberto e se encontra com seu leitor, então ocorre o fato estético. Deve-se acrescentar que um mesmo livro muda em relação a um mesmo leitor, já que mudamos tanto. (BORGES, 1987apud Brasil, 2007 p.65).

Isso significa que as leituras literárias de uma obra são incontrolláveis e diversificadas dependendo do contexto em que elas estão inseridas. Cabe à escola e ao professor mediar essa

leitura. . Ao considerar a linguagem variável em contextos específicos e para objetivos específicos, um texto literário não se basta com uma única interpretação, pois como já foi dito até aqui, a sua linguagem é variável e atende a propósitos diferentes em situações diferentes. Sendo a sua linguagem única, cada leitura também está historicamente situada.

A linguagem literária é produto das escolhas feitas pelo seu próprio autor, como as escolhas gramaticais, as referências de tempo e de espaço, o uso de funções interpessoais da linguagem, as lacunas deixadas no texto que convidam o leitor a interpretação. A leitura por si só consiste num entendimento, numa interpretação que se realiza por partes, sendo predeterminado culturalmente, de modo que existem interpretações mais adequadas e outras menos adequadas. E nisso consiste a sua “autonomia”, conforme o enfoque autônomo de letramento.

A linguagem de um texto literário é uma modalização, e, portanto, expressa uma consciência individual da realidade, mas não é realidade, é ficção. “Um enunciado é fictício quando ele não pode ser corrigido pela realidade, mas criticado e interpretado” (HANSEN, 2005, p.14). Assim, para se ler um texto literário, cabe ao leitor atualizar o sentido que ele extrai do próprio texto. E é nesse sentido que a escola tem o seu papel fundamental para a formação do leitor literário.

É primordial que os alunos sejam capazes de reconhecer os procedimentos formais e estilísticos a partir dos quais os textos literários são compostos para que, assim eles possam mergulhar naquele universo ficcional e ocupar a posição do leitor ideal pretendido para àquela obra. Tais procedimentos repousam no domínio das regras do decoro literário conforme definido por Aguiar (2000) que afirma que uma leitura literária se constitui a partir do reconhecimento das regras que regem aquele plano ficcional. Ler literariamente pressupõe o domínio de tais regras. Para tanto, Hansen afirma que:

Para que uma leitura se especifique com leitura literária é consensual que o leitor deva ser capaz de ocupar a posição semiótica de destinatário do texto, refazendo os processos autorais de invenção que produzem o efeito de fingimento, o leitor deve coincidir com o destinatário do texto para receber a informação de modo adequado. (HANSEN, 2005, p.19-20).

De tal maneira, é pressuposto que os alunos desenvolvam um gosto literário partindo do seu próprio conhecimento sobre as convenções de estilo que cercam a escrita literária. Por esse viés, o estudo de letramento se torna bastante pertinente, ao considerar também os

eventos de letramento literário construídos pelos próprios alunos, contudo sem negar o modelo autônomo de letramento.

Para tanto, é necessário que a escola reconheça que letramento são práticas plurais e situadas, e sendo de tal forma, a escola torna-se uma mediadora no processo de apropriação de significados. A escola é uma instituição autorizada e legitimada em toda a sociedade letrada e as práticas de letramento no ambiente escolar devem concorrer junto com as práticas de letramento dos alunos.

O projeto “Educação literária” tem trabalhado em duas escolas públicas de Maringá e busca juntamente com essas escolas desenvolver um gosto literário no aluno. Através do ensino das noções de gêneros literários, dos estilos de época, assim como todas as particularidades que envolvem a escrita literária o projeto relaciona as obras exigidas pelo PAS, o Programa de Avaliação Seriada da UEM com as formas ficcionais com os alunos estão em constante contato. Para que assim, o aluno encontre significado nas práticas de leitura requeridas dentro do ambiente escolar.

Os eventos de letramento dentro e fora da escola devem ser considerados válidos pela instituição formadora de leitores, pois ainda assim, aqueles eventos se constituem como práticas de letramento literário. Embora a escola tenha uma perspectiva baseada no modelo autônomo de letramento, para que tal abordagem alcance algum sentido e os grupos de leitores do Ensino Médio possam depreender sentidos de um texto, as ferramentas necessárias para uma leitura literária precisam ser explicitadas. Não apenas através do livro didático ou de aulas unicamente focadas em periodização literária, mas através de uma leitura crítica capaz de relacionar a bagagem de leitura do sujeito leitor sobre o texto lido, de modo que o sujeito possa se posicionar ante a obra. Assim como afirmam os PCN’s os professores precisam encontrar formas que extrapolem o uso do livro didático, que envolvam escolhas da escola, do professor. Partindo disso, acreditamos ser mais pertinente escolhas acerca do espaço social do aluno envolvendo as leituras canônicas do ensino formal e as leituras literárias não canônicas provenientes de contextos menos formais.

4 Considerações finais

Apesar das interpretações de um texto literário ser incontornáveis é função da escola, enquanto principal agência de letramento e meio fomentador de leitores literários, atuar como

mediador no processo de leitura. A escola deve fornecer as ferramentas com as quais os estudantes possam desenvolver domínio sobre as normas de estilo da escrita literária. Domínio sobre as formas com as quais a literatura canônica ou não se organiza, como os gêneros literários e os estilos de época que moldam o texto. Se a escola considerar o repertório de leitura de um aluno de Ensino Médio e o seu contato com outras formas ficcionais que estão além dos muros da escola, as aulas de literatura finalmente terão sentido e deixaram de ser uma prática elitista e desmotivante.

5 Referências bibliográficas

AGUIAR, F. As questões da crítica literária. In: Martins, M. H. Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes. São Paulo: Itaú Cultural/Senac, 2000.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: MEC/SEB, 2006.

FIGUEIREDO, L. M. S.. O ensino-aprendizagem de língua inglesa como prática de letramento: por uma intervenção híbrida e desestabilizadora. *Sinais (UFES)*, v. 01, p. 27-44, 2009.

HANSEN, J. A. Reorientações no campo da leitura literária. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. *Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, ALB; São Paulo: Fapesp, 2005

HEATH, S.B. “What no Bedtime Story Means: Narrative Skills at Home and School”, *Language in Society* 11, 1982, p.49-76

KLEIMAN, A. B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (org.). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004

_____. *Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2004.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). *Os significados do letramento*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

ZAPPONE, M. H. Y. Letramento, leitura literária e escola. In: 1º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 4º Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, Maringá, 2009.

_____. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. *Teoria e Prática da Educação*, v. 03, p. 47-62, 2007.